

**BIBLIOGRAFIA COMENTADA DA DISCIPLINA OPTATIVA**  
**FLO1274 LITERATURA ÁRABE-ANDALUZA**

*Michel Sleiman (DLO)*

A existência de uma literatura autóctone em árabe nos territórios da Península Ibérica conhecidos por Alandalus é um fato que ainda surpreende o estudante de Letras e outros ramos das Humanidades. Tal literatura esteve atrelada à existência nesses territórios, com duração de até oito séculos, entre os anos 711 e 1492, de governos islâmicos e uma população de diversificada composição étnica, social e religiosa que em algum momento, especialmente entre os séculos XII e XV, foi majoritariamente arabófona, tendo usado para a expressão escrita a língua árabe em suas variantes clássica e dialetais. Para épocas tardias, a utilização do árabe persistiu, em condições já de declínio, até pelo menos a expulsão das populações mouriscas, entre 1609 e 1616, em outro episódio de expulsões, como o de populações judias ocorrido em 1492, na Espanha, e 1497, em Portugal, o que no conjunto completa a hegemonização católica buscada pelos dois países ibéricos.

A disciplina FLO1274 Literatura Árabe-Andaluza, aberta também ao aluno não especializado em árabe, atende a dois objetivos centrais: 1. desfazer equívocos históricos quanto à cultura andalusina, identificada ao longo dos séculos como produto anacrônico e *avant la lettre* de uma “Espanha Muçulmana” e um “Portugal Muçulmano”, não tendo sido atentado ao caráter primacial islâmico, árabe e oriental daquela sociedade que buscou no Oriente arabizado seu modelo de cultura que, não obstante, incluía em seu amplo lastro culturas comuns à Europa nascente, como a bizantina, a greco-romana ou mesmo a indo-europeia de modo abrangente; e 2. estabelecer um repertório mínimo de obras e gêneros literários, inserindo-os num quadro descritivo-comparativo segundo as línguas em que se expressou essa literatura, como o árabe padrão e o arabandalusino, bem como os aljamiados romandalusino e neorromânicos, v.g., o castelhano, o aragonês, o valenciano.

À falta de um elenco bibliográfico em português que contemple toda a ementa da disciplina, o Curso recorre a títulos em idiomas usualmente instrumentais do aluno da FFLCH. Destaquem-se os seguintes itens:

1. FLETCHER, Richard. **Moorish Spain**. London, Weidenfeld & Nicolson, 1992. Ver também **La España mora**, tradução de Fernando Santos Fontenla e revisão de Julio Rodríguez Puértolas. Hondarribia, Nerea, 2000.

O relato do inglês Richard Fletcher se vale de livros clássicos e edições de documentos historiográficos mais recentes das escolas inglesa e estadunidense, com aproveitamento destacado de estudos de Roger Collins, Angus Mackay, Thomas F. Glick, David Wasserstein, L. P. Harvey, J. N. Hillgarth, Colin Smith e Amin T. Tibi. Merece menção a leitura que o autor faz dos primeiros anos da invasão e conquista da Península Ibérica, baseando-se em três fontes contemporâneas: a *Crônica de 754*, narração anônima, escrita em latim, do ponto de vista cristão; um documento administrativo árabe sobre um tratado entre Abdulaziz (filho de Musa Ibn Nusayr, governador de Alandalus e norte da África) e um certo Teodomiro, senhor de sete cidades do sudeste peninsular (seguramente Alicante, Lorca e Orihuela), datado de 5 de abril de 713; e dados arqueológicos, como o enterro das coroas de ouro engastadas com pedrarias, pertencentes a sucessivos reis do século VII, supostamente depositadas pelos sacerdotes cristãos durante a devastação criada por Musa. Outro destaque com bom aproveitamento para seu ensaio é a relação que estabelece entre o gráfico da curva de conversão ao islã, proposto pelo historiador Richard W. Bulliet, da Universidade de Columbia, e as ampliações da Mesquita de Córdoba e mesmo o fenômeno dos martírios cristãos, confirmando a rápida e efetiva conversão islâmica em torno do ano 1000. Fletcher reforça a tendência atual de desmitificar a romantização em torno do chamado convívio pacífico das três religiões, convidando o estudioso a olhar o passado andalusino, português e espanhol com lentes, a nosso ver, mais acuradas. A obra é concisa e se mostra eficiente introdução a uma história revisada do Alandalus, embora se dirija ao leitor não especializado em História; contudo, ainda, as fontes de que se vale e o tratamento que o autor dá aos temas conferem à sua obra o merecido interesse intelectual.

2. LÓPEZ-BARALT, Luce. **La literatura secreta de los últimos musulmanes de España.** Madrid, Trotta, 2009.

A disciplina FLO1274 Literatura Árabe-Andaluza se inicia a partir do depoimento desses criptomuçulmanos, últimos mouriscos (e, na verdade, os primeiros muçulmanos do estado espanhol, que hoje os tem como imigrantes assentados), sendo este livro de bastante interesse para a compreensão da Espanha dos Felipes a partir da visão das populações mouriscas, submetidas à conversão forçada, que em condições secretas deixaram uma literatura muçulmana em românico – nomeadamente em castelhano, aragonês e valenciano – registrada com caracteres árabes, o chamado aljamiado. O primeiro capítulo desse livro de López-Baralt, que teve tradução ao português em pré-edição na revista *Tiraz*, do DLO, em 2006, sonda as condições psicológicas dessas populações, que testemunham em língua espanhola uma autopercepção muçulmana da Espanha, em escritos que compartilham o estilo de Gôngora e Lope de Vega. O principal mérito do denso ensaio da historiadora da Universidade de Porto Rico é a incidência de sua crítica sobre textos que vão dos aljofores (profecias) e relatos maravilhosos de profetas até as fórmulas de beberagens, talismãs e conjuros, passando pela oniromancia, a astrologia, as lendas escatológicas e os relatos de ações terapêuticas de médicos e senadores mouriscos, além de acompanhar os itinerários secretos de mouriscos por terras de Espanha, Turquia e Porto Rico, na América. O livro descortina uma fresca literatura que aos poucos abandona a condição de secreta, como fora no tempo das Inquisições, acentuando ainda mais a pluralidade daquela sociedade que até hoje equaciona a identidade nacional a partir dos idiomas provinciais.

3. CORRIENTE, Federico. **Poesía dialectal árabe y romance en Alandalús.** Madrid, Gredos, 1977.

A existência de textos em românico aljamiado, inseridos em finais de poemas árabes e hebraicos compostos em Alandalus entre os séculos XI e XII, desde que foi anunciada em meados do século passado, sacudiu o campo da Filologia. Várias leituras conjecturais desses textos foram feitas desprovidas, ainda à época, de uma mais desejável correta descrição da gramática do idioleto romandalusino, utilizado em progressiva decadência entre os séculos IX e XI, em condição de bilinguismo, ao lado do árabe, tanto por judeus e muçulmanos como por moçárabes cristãos, até a sua desapareção entre as

populações urbanas já em meados do século XII. A presente obra do arabista espanhol Federico Corriente, da Universidade de Saragoça, apresenta uma descrição do mencionado idioleto e propõe uma leitura de todos os textos dialetais românicos, como igualmente os árabes, das famosas *ḥarajāt* (*kharjas*, em inglês; *jarchas*, em espanhol), que é como denominaram os árabes essas codas dos poemas estróficos hospedeiros, por sua vez conhecidos pelo nome *muachahat* (*muwashshahaat*, em inglês; *moaxajas*, em espanhol). O livro inclui ainda as definições dos termos *muachah*, *zajal* e *ḥarja*, identificados por vezes, e erroneamente, como gêneros poéticos quando na verdade não passam de denominações atreladas ao tipo de língua em que se exprimem (*muachah* = poema estrófico em árabe clássico ou hebraico; *zajal* = poema estrófico em dialeto arabandalusino; *ḥarja* = remate final do poema estrófico, que pode ser escrito em hebraico ou em árabe clássico, embora seja idealmente buscados a variante dialetal do árabe, o românico andalusino, ou ainda – o que parece ser mais comum – um misto de ambos os dialetos, conforme o autor demonstra nos perfis aritméticos do conjunto das 61 *ḥarajāt* identificadas como românicas. O autor oferece ainda uma descrição das partes e estruturas que compõem o *zajal*, a *muachaha* e a *ḥarja*, observando as variações das estrofes, dos metros e dos temas, dando especial ênfase à estrutura temática desta última.

4. SLEIMAN, Michel. **A arte do zajal. Estudo de poética árabe.** Cotia, Ateliê, 2007.

A partir da conhecida relação que se estabeleceu entre a *qasida* árabe politemática, panegírica e de longa extensão e os ideais de perfeição buscados pelos poetas neoclássicos da Bagdá do século X, como reação à *qasida* monotemática, de curta extensão e de orientação anacreôntica, propugnada pelos poetas modernizadores do período anterior, nosso estudo encontra um paralelo similar dessa reação no âmbito de Alandalus, na passagem do século XI ao XII. Nesse período, a *muachaha* em árabe clássico, assim como a em hebraico, via de regra de curta extensão, terá encontrado no recurso ao estrofismo, à policromia sonora dos versos e, sobretudo, à *ḥarja* dialetal árabe ou românica os elementos necessários para a caracterização da modernização pretendida com relação ao modelo tradicional de *qasida*, cultivado na Península desde os tempos do Califado de Córdoba. Tal fato encontra respaldo sociopolítico quando levados em conta o desmembramento do poder central e a conseqüente pulverização de reinos andalusinos rivais e, em algum momento,

inimigos, situação essa que se traduz na emulação entre os poetas cortesãos cuja capacidade se media na leveza e graça obtidas com os aludidos recursos, em clara busca do efeito de *hazl*, entendível como o relaxamento do discurso sério. O cordovês Ibn Quzmān, do século XII, reafirma os ideais do neoclassicismo oriental preferindo o poema mais longo e politemático, com clara subordinação dos demais temas à orientação panegírica, tudo feito em dialeto andalusino que reflete uma realidade apenas pálida do romandalusino das *ḥarajāt* do século anterior. O arabandalusino do *zajal* de Ibn Quzman, contudo, concorre com muito mais força no poema para a obtenção do mesmo efeito de *hazl* buscado pela *muachaha*, porque concentra num único registro linguístico o que aquela obtinha mediante o confronto de registros diferentes de discurso. O estudo sugere ainda que o aparente distanciamento do árabe clássico, abandonado de vez no discurso do *zajal*, pode àquela altura ressignificar a referencial oriental em nova modalidade: local, mas universalizante.